



## CLUBE DA LUTA: TRANSVALORAÇÃO E POETIZAÇÃO DO CRIME PELA PERSONAGEM TYLER DURDEN



## FIGHT CLUB: TRANSVALUATION AND POETIZATION OF CRIME BY THE CHARACTER TYLER DURDEN

Diane Nascimento de OLIVEIRA  
Thiago Martins PRADO

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 12/10/2017 • APROVADO EM 01/02/2018

---

### Resumo

---

O romance *Clube da luta*, de Chuck Palahniuk, promove muitas discussões que põem em xeque a moral prestigiada. A partir disso, o objetivo da pesquisa é compreender a superação da moral padrão pela personagem Tyler Durden. Fundamentando esse trabalho, são utilizados os seguintes teóricos: Friedrich Nietzsche (2002 e 2013), Gilles Lipovetsky (2005), Hakim Bey (2001) e Thiago Martins Prado (2016). Em *A genealogia da moral* e *Para além do bem e do mal*, Nietzsche ressalta a necessidade de discutir a construção dos valores morais e a intenção desses valores. Lipovetsky analisa, em *A sociedade pós-moralista*, o modo como, na sociedade hipermoderna, há o abandono da cultura moralista em prol das ambições particulares. Bey, em *TAZ: zona autônoma temporária*, apresenta discussões sobre organizações de agrupamentos autônomos, alternativos às cenas da lógica do mercado. Prado, em *Discussão sobre a cultura e*

a política econômica dos Estados Unidos em *Condenada*, de Chuck Palahniuk, comenta a narrativa de Palahniuk como uma crítica alegórica à política econômica contemporânea comandada pelas corporações bancárias. As conclusões apontam para a superação da moral imperativa por Tyler Durden através de um questionamento nietzschiano da moral, criação ou revisão desses valores através de uma transvaloração à maneira de Hakim Bey.

---

## Abstract

---

Chuck Palahniuk's novel *Fight Club* (1996) promotes many arguments that call into question the prestigious morality. From this, the aim of the research is to understand the overcoming of standard morality by the character Tyler Durden. Based on this work, the following theoretical works used were in *Zur Genealogie der Moral* (1887) and *Jenseits von Gut Böse* (1886). Nietzsche emphasizes the need to discuss the construction of moral values and the intention of these values. Lipovetsky analyzes in *Le Crépuscule du Devoir* (1992) that the way in hypermodern society there is the abandonment of moralistic culture in favour of particular ambitions. Bey, in *T.A.Z.: The Temporary Autonomous Zone* (1980) presents discussions about organizations of autonomous groupings, alternative to the scenes of the logic of the market. Prado in *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada*, de Chuck Palahniuk (2016) comment on US culture and economic policy in *Doomed* (2011). The conclusions point to the overcoming of imperative morality by Tyler Durden through a Nietzschean questioning of morality, creation or revision of these values through a transvaluation in the manner of Hakim Bey.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** *Clube da luta*. Crítica à moral padrão. Tyler Durden.

**KEYWORDS:** *Fight Club*. Criticism to standard morals. Tyler Durden.

---

## Texto integral

---

### Introdução

O romance *Clube da luta*, de Chuck Palahniuk, publicado pela primeira vez em 1996, é uma das obras mais importantes do autor e um escrito com um grande teor crítico, abordando temas como a violência, a automutilação, críticas ao consumismo, enfim, temas que põem em xeque os valores morais consagrados. É em meio a essa realidade que surge Tyler Durden, uma criação imaginária do narrador-personagem, alterego que materializa a tensão sobre a moral padrão.

Foi a partir desta conjuntura que veio a maior indagação acerca do romance *Clube da luta*, que recaiu sobre a personagem Tyler Durden: como acontece a superação da moral padrão pelo alterego Tyler Durden no romance *Clube da luta*? Essa problemática permeará as discussões deste artigo na tentativa de responder essa questão.

Com isso, a hipótese que norteará esta pesquisa é a de que a personagem Tyler Durden supera a moral padrão propondo e realizando novas valorizações, postas acima das que até então eram habituais. Podemos considerar essa personagem como alguém que tensiona a moral imperativa e a ética no mundo contemporâneo por transvalorar todos os valores consagrados, por negar as valorizações absolutas que o tornaram escravo, pois todos os valores são montados socialmente, não possuindo um valor próprio. Segundo Nietzsche (2004), em *O anticristo*, transvaloração é “[...] a tentativa empreendida com todos os meios, todos os instintos, com todo o gênio, para dar a vitória aos valores contrários, aos valores *nobres*” (NIETZSCHE, 2004, p. 105). Essa transvaloração em Tyler proporciona-lhe poder, vigor, aumento de sua potência.

O conceito de transvaloração dos valores, conforme Márcia Rosane Junges (2016), advém de uma crítica que Nietzsche faz às políticas reativas, imersas em ressentimento, paralisia e fraqueza de vontade, que contaminaram o seu tempo e que foram proporcionadas pela atmosfera degenerativa cristã. Para Nietzsche, como fruto do rebaixamento do poder e da vontade operado pelos valores cristãos, a moral espelha uma mentalidade de rebanho. A fim de romper com essa moral, em obras como *Para além do bem e do mal* e *A genealogia da moral*, uma das propostas do filósofo Friedrich Nietzsche é uma reversão de valores como uma forma de recuperação de uma ambiência da cultura grega trágica em que os valores metafísicos ou cristãos não eram hegemônicos. Entretanto, principalmente nessas mesmas obras, o projeto de uma nova moral surge de um questionamento sobre quais são os critérios que sustentam e que permitem a criação e a manutenção dos valores. A partir da desnaturalização e da não aceitação da moralidade vigente, Nietzsche argumenta a favor da transvaloração como uma oportunidade de criação de novos valores que confrontassem a necessidade de aprovação do rebanho e que espelhasse o autodomínio, o transbordamento da vontade e a superabundância do poder.

Além desse conceito norteador a ser utilizado na predominância desse artigo, utilizam-se os seguintes teóricos para fundamentar esta pesquisa: Friedrich Nietzsche (2002 e 2013), Gilles Lipovetsky (2005), Hakim Bey (2001) e Thiago Martins Prado (2016). Em *A genealogia da moral* e *Para além do bem e do mal* o filósofo alemão, Friedrich Nietzsche, problematiza e questiona a moral tida como padrão, sendo essa originada por influências de um poder dominante – desse modo, a moral consagrada não possuía um valor próprio, seria apenas uma máscara, que enaltece a dominação e escraviza os homens – negando-lhes o poder dos seus desígnios. Então, ao problematizar e questionar os valores consagrados, Nietzsche contribuirá para a compreensão da tensão e da crítica que Tyler Durden promove à moral padrão. Gilles Lipovetsky estuda, em *A sociedade pós-moralista* uma moral que se estabelece nas sociedades hipermodernas, em que há o abandono dessa cultura moralista em favor da felicidade individual, das ambições particulares, a qual diferencia-se da moral imperativa questionada por Nietzsche. Com isso, a moral estudada por Lipovetsky será confrontada com a moral liberta de Tyler, pois a primeira ainda provoca uma escravidão contemporânea porque está estreitamente ligada ao mercado consumista, diferentemente da segunda. Já Hakim Bey, na obra *TAZ: zona autônoma temporária* trata de estratégias libertárias

de combate que confrontam o Estado por meio de organizações de agrupamentos autônomos que funcionam como uma alternativa às sociedades que se estruturam de formas hierarquizadas. Nesse sentido, os processos de formação dos clubes da luta por Tyler podem ser considerados zonas autônomas temporárias e as estratégias libertárias propostas por Bey são encontradas nesses. Thiago Martins Prado, em *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada, de Chuck Palahniuk*, explana sobre a política econômica contemporânea comandada pelas corporações bancárias com um estudo da alegoria na narrativa de Palahniuk. Esse estudo de Prado orientará a compreensão do modo como está estruturada a crítica ao capitalismo promovida pelo alterego do narrador-personagem.

## 1 A superação da moral padrão pela personagem Tyler Durden

Tyler Durden surge em um momento em que a vida de comodismos no trabalho, o consumismo desenfreado, os grupos de apoio para curar as insônias já não eram satisfatórios e não faziam mais sentido para o narrador-personagem de *Clube da luta*. Não é suficiente apenas comprar coisas porque “as coisas que costumavam ser suas agora mandam em você” (PALAHNIUK, 2012, p. 50); não é suficiente ter um emprego estável como coordenador de campanhas de *recall*: “estou me esforçando para construir uma carreira de lavador de pratos” (PALAHNIUK, 2012, p. 33); até os grupos de apoio que costumavam funcionar como antídotos contra suas insônias não surtiam mais efeito após a entrada de Marla nos mesmos: “Esta é a única coisa real em minha vida e você (Marla) está estragando tudo” (PALAHNIUK, 2012, p. 25).

A personagem que narra o romance “conheceu” Tyler, seu alterego, em uma praia de nudismo. O alterego estava criando, com troncos de árvores, uma sombra gigante de uma mão que ficou perfeita por um minuto. Essa imagem já traz possibilidades para a compreensão da personagem Tyler Durden: primeiro, tendo como simbologia a praia de nudismo, essa personagem se livra da primeira convenção social, que promove ordem (as roupas); do mesmo modo, os troncos de árvore representam a fertilidade e, por último, a mão representa a construção. Ou seja, essa cena do primeiro “encontro” do narrador-personagem e seu alterego prenuncia a fertilidade de uma nova forma de viver. Nesse momento, o alterego mostra para o narrador-personagem que um minuto é o suficiente e o máximo que se pode esperar da perfeição; durante aquele pequeno instante – em que foi empregado muito tempo e energia – nada mais importa. Além disso, Tyler deixa evidente que esse momento de prazer que é possível construir/proporcionar a si mesmo vale todo o esforço empreendido.

Desde esse feito, Tyler Durden é visto como alguém que está além dos princípios morais e com capacidade de ação acima do narrador-personagem. O desapego dos bens materiais, a força física, a coragem, razões para exercitar o corpo – enfim, sentir-se vivo por meio do poder – eram o vislumbre de uma nova organização de valores que, inevitavelmente, fariam ruir os hodiernos valores do narrador-personagem. Somente Tyler poderia levar o narrador-personagem ao

fundo do poço para, assim, poder salvá-lo de sua vida medíocre, por intermédio da destruição, da agressão, da transvaloração da moral dos bons costumes. Um dos passos para a ida ao fundo do poço do narrador-personagem pode ser encontrado na passagem em que o mecânico do clube da luta, dirigindo na contramão, prestes a bater em outros carros, indaga ao narrador-personagem sobre o que ele desejaria ter feito antes de morrer. Sob a efetiva proximidade da morte nessa situação, ele diz que seu desejo era sair do emprego antes morrer. Sua vontade, que antes era velada, agora é evidenciada frente ao cenário de quase-morte.

A busca insaciável da personagem que narra o romance pelo fundo do poço, ou seja, pelo crescimento através da destruição, pode ser compreendido como fruto de uma das mais conhecidas máximas de Nietzsche. No aforismo oito, da obra *Crepúsculo dos ídolos* (2000), o filósofo alemão declara que “O que não me faz morrer me torna mais forte” (NIETZSCHE, 2000, p. 18). E, é a partir dessa mesma prerrogativa, que o narrador-personagem afirma: “Quanto mais fundo você descer, mais alto voará” (PALAHNIUK, 2012, p. 176). Esse ato simbólico de ir ao fundo do poço justifica-se pela necessidade de, a partir do caos e do sentimento de vingança que os unia, destruir sua vida insignificante – sem perspectivas para além do consumismo desenfreado, um “[...] escravo do instinto de transformar o lar em um ninho” (PALAHNIUK, 2012, p. 49) – e depois reconstruí-la, de outro modo, alicerçada em seus próprios princípios que aumentariam sua vontade de potência<sup>1</sup>. Em vista disso, o narrador-personagem sabia que, no momento em que disse que queria sair do emprego, estava dando, automaticamente, permissão para seu alterego matar o chefe; mas, mesmo assim o fez, pois matando o chefe ele destruía a fonte que insuflou seu consumismo desenfreado, bem como toda a opressão moralizadora que cerceou sua autonomia.

Após o “primeiro encontro”, o próximo passo que Tyler dá à vida do narrador-personagem do romance é a criação do clube da luta. Conforme o narrador-personagem, “O primeiro clube da luta foi apenas Tyler e eu trocando socos” (PALAHNIUK, 2012, p. 58). O clube da luta é o marco divisor na vida dele: ele não mais voltará a ser o que era antes do clube da luta, o clube da luta é quase uma personificação da imagem de seu alterego. Ainda segundo ele:

O clube da luta não é como futebol americano na televisão. Você não está assistindo a um bando de homens que não conhece e que estão em alguma parte do mundo batendo uns nos outros ao vivo [...] Depois de ter estado em um clube da luta, assistir ao futebol americano é como assistir a um filme pornô quando poderia estar transando de verdade e loucamente (PALAHNIUK, 2012, p. 59).

O clube da luta, segundo essa descrição, é o local onde reside o prazer da vida dos lutadores, e Tyler acaba se tornando, mesmo sem ser seu objetivo, um “modelo” para esses homens que estavam oprimidos pelo sistema do mesmo modo que o narrador-personagem estava. Como dito no trecho acima, não é apenas um bando de homens que não conhece batendo uns nos outros; há a necessidade de esses homens encontrarem algo (poder) e algum lugar em que as mesmas



frustrações sejam sentidas e que, de alguma forma, resolvidas, um novo modo de sociedade (ao menos que paralela à sociedade em que eles estão imersos quando não estão no clube da luta). O clube da luta torna-se esse abrigo contra a sociedade moralista e hipócrita, o local onde ocorre a transvaloração, finalidade que precisa ser alcançada para o aumento da potência dos participantes do clube da luta.

Na concepção de Nietzsche, em *O anticristo* (2004), o aumento dessa potência pelo indivíduo não poderá nascer da fraqueza, da obediência de rebanho ou do ressentimento, portanto do mal. Ao contrário, a potência está intrinsecamente ligada a “Tudo aquilo que desperta no homem o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder” (NIETZSCHE, 2004, p. 39), isto é, ao que é bom, àquilo que tem capacidade de fazer ruir a estabilidade de valores ressentidos que drenam a vontade de potência. Nesse sentido, a simbologia da autodestruição do corpo e da promoção do dano nos corpos alheios no clube da luta, além de representar um desprezo à marca física de conservação de um modelo estético padrão, sinaliza também a destruição de valores estáveis que, com a capacidade de autoafirmação, contrapõe-se aos modelos consensuais de referência de rebanho. Destruir-se é também destruir aquilo que o define e o aprisiona como ser obediente – as experiências de quase-morte, nesse âmbito, impõem ao indivíduo uma atmosfera de precipício, em que, para se reconhecer como ser forte, é necessário implantar o caos em si como oportunidade de instauração de potência. Com o trabalho de coordenador de campanha de *recall*, o narrador-personagem de *Clube da luta* não aumentava sua potência – apesar de sempre rezar para que o avião caísse, ele não fazia nada de efetivo para sanar as insatisfações com a vida que levava; sua vontade ainda era sufocada pela fraqueza, ainda era escravo do consumismo e dos sistemas valorativos consagrados. Entretanto, quando seu alterego “surge”, sua vontade de potência passa a ser exteriorizada como força – ele para de desejar um acidente de avião e começa, por meio de Tyler, a transvalorar, criar estratégias libertárias através do clube da luta, um agrupamento autônomo.

Nesse contexto de transvaloração, a destruição das ideologias do capitalismo torna-se recorrente em Tyler. Dessa forma, esta personagem realiza tanto a destruição das ideias consumistas que organizam esse sistema econômico – de maneira coletiva, em prol do aumento da potência do clube – quanto a destruição de bens materiais e da própria estética corporal. Com isso, agredir ou permitir-se à agressão é também destruir as referências de consumo e de gosto socioestético. O agressor e o agredido permitem inscrever seu protesto no próprio corpo como a demarcação de um prazer e de um valor próximo de culto estético e ritual mais autônomos e menos dependentes das cobranças ou das aceitações conservadas nos padrões sociais.

Diante disso, confrontando o modo coletivo pelo qual a personagem Tyler Durden supera e transvalora a moral dos bons costumes, é interessante abordar Gilles Lipovetsky. Na obra *A sociedade pós-moralista*, ao tratar da sociedade pós-moralista, Lipovetsky analisa o modo como, na sociedade hipermoderna, há o abandono da cultura moralista em prol das ambições particulares, da felicidade individual, do consumismo. Essa moral que Lipovetsky estuda é diferente da moral padrão da modernidade, da moral imperativa, do “tu deves”, todavia ela ainda não

é uma moral tal qual a de Tyler (uma moral liberta que dá poder), pois está associada à escravidão contemporânea – os gostos e o consumo são controlados pelo mercado. Ilustrando isso, Lipovetsky (2005) argumenta que:

A civilização do bem-estar consumista foi a grande responsável pelo fim da gloriosa ideologia do dever. Ao longo da segunda metade do século XX, a lógica do consumo de massa alterou o universo das prescrições moralizadoras e erradicou os imperativos coativos, engendrando uma cultura em que a felicidade se sobrepõe à ordem moral, os prazeres à proibição, a fascinação ao dever (LIPOVETSKY, 2005, p. 29).

Com isso, em Lipovetsky, tem-se a explicação de uma moral atrelada ao capitalismo pós-industrial, ao “bem-estar” consumista e individual e, em Tyler, há uma tentativa de transvaloração vinda por meio das estratégias de burlar o consumismo aprisionador de vontades, de desvio da própria estética corporal, acontecendo por meio de um processo em que a coletividade busca poder reafirmando a desobediência individual às normas e aos prazeres fáceis do mercado. Diferentemente do prazer pós-moralista descrito por Lipovetsky, o prazer do clube da luta provém de um comportamento agonístico – tal como se espera do resultado da transvaloração nietzschiana. É preciso observar que, na concepção de Tyler, o consumismo egocêntrico, os desejos particulares não levam à elevação do poder individual, mas à anulação desse poder e ao controle das vontades, que surgem disfarçadas pelas sedução do mercado. Ou seja, é uma escolha, que no campo da liberdade individual, se entregou ao mercado (o prazer vem do consumo). É nessa perspectiva que Lipovetsky diz que a moral que triunfa na sociedade hipermoderna é indolor: “[...] última fase da cultura individualista democrática, desvinculada, em sua lógica mais profunda, tanto das conotações de moralidade como de imoralidade” (LIPOVETSKY, 2005, p. 27).

Ao contrário disso, Tyler propõe a superação da moral e um sentimento de independência de consumo justamente porque a potência do indivíduo só pode ser elevada em meio a um grupo que fortaleça os princípios de elogio à liberdade e do prazer em rechaçar a opressão da moral padrão e a exploração do mercado (o que os une é o sentimento de vingança contra essas repressões e explorações). Ilustrando essa relação do grupo por meio da qual está edificada a transvaloração de Tyler, temos: “Você vê um cara vir aqui pela primeira vez e a bunda dele parece uma massa de pão branco. Quando o vê aqui seis meses depois, ele parece esculpido em madeira maciça. Esse cara acredita que pode lidar com qualquer coisa.” (PALAHNIUK, 2012, p. 60-61).

## **2. As estratégias libertárias e a poetização do crime pelo clube da luta**

Após compreender como age a moral de Tyler, é necessário entender como o clube da luta é formado, como esse se articula, já que é um dos resultados dos

questionamentos, da transvaloração da moral imperativa e dos ataques ao mercado pelo alterego do narrador-personagem. Nesse sentido, Hakim Bey traz discussões muito pertinentes ao discorrer sobre as TAZs (Zonas Autônomas Temporárias). Segundo Bey, a TAZ é um modo de transvaloração contemporânea que ocorre por meio de estratégias libertárias de combate que confrontam o Estado de uma forma indireta.

A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, *antes* que o Estado possa esmagá-la (BEY, 2001, p. 17).

O clube da luta criado por Tyler pode ser considerado uma TAZ, pois é uma estratégia libertária que luta contra a estabilidade do poder e contra a formação de hierarquias exploratórias fazendo-se existir por meio da invisibilidade (seu pressuposto e sua tática de guerra). Essa invisibilidade da TAZ faz-se presente no romance de Palahniuk, principalmente, na primeira regra do clube da luta: “A primeira regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta” (PALAHNIUK, 2012, p. 56). Dessa maneira, os integrantes do clube da luta utilizam a invisibilidade que a sociedade legou a eles como uma arte marcial que trabalhe em seu favor, ou seja, já que eles não eram vistos, nada os impedia de atacar e sabotar a indústria de serviços e a moral consagrada. Além da primeira regra, a invisibilidade do clube da luta também serve, por exemplo, nas sabotagens que Tyler faz como projecionista (emendando pornografias nos filmes infantis) ou nos restaurantes ou festas onde os participantes do clube da luta trabalham como garçons – masturbando-se nos pratos de sopa dos restaurantes, peidando no carrinho das sobremesas, mudando a posição dos alimentos no prato para esse se passar por novo, etc. Pode-se ilustrar uma dessas sabotagens no trecho abaixo:

Os gigantes mandam as coisas de volta para a cozinha sem qualquer motivo. Eles só querem ver você correndo para lá e para cá por causa do dinheiro deles. Em um jantar como este, uma festa com bufê, eles sabem que a gorjeta já está incluída na conta, então o tratam como lixo. Nós não levamos nada de volta para a cozinha. Mude as *pommes parisiennes* e os *asperges hollandaises* de posição um pouco no prato e sirva para outra pessoa e pronto, de repente está tudo bom de novo (PALAHNIUK, 2012, p. 96).

Como forma de terrorismo à indústria de serviços, esse novo modo de sociedade alternativa que o clube da luta tornou-se ataca os fregueses dos restaurantes e festas luxuosas por esses representarem as hipocrisias morais que existem por meio do mando dos mais ricos e da obediência dos mais pobres.



Compreendendo a TAZ também como um agrupamento autônomo, que recusa as hierarquias, assim como Bey (2001) explana, é pertinente a renúncia de Tyler à liderança do clube da luta. Quando o clube da luta já está com mais integrantes, realiza mais ações de sabotagem, e Tyler começa a ser visto como um líder, um chefe a ser seguido e obedecido. A partir daí, o alterego do narrador-personagem cria a oitava regra do clube da luta.

Ele diz que a nova regra é que ninguém deve ser o centro do clube da luta. Ninguém é o centro da luta a não ser os dois homens lutando [...] Os homens ali reunidos ficarão olhando para os outros homens no círculo enquanto o centro ficará vazio (PALAHNIUK, 2012, p. 177).

Essa recusa à liderança é importante porque, segundo Bey (2001), quando a rebelião dá certo, quando ela consegue derrubar os mandos contra os quais lutavam, ela pode vir a se tornar um novo parâmetro para a exploração. Em outras palavras, Tyler não podia se tornar o que tanto ele buscava destruir.

Bey (2007) utiliza também o termo *terrorismo poético* (deslocando a subversão para o âmbito da arte, do choque estético, da poesia) para se referir às estratégias libertárias de confronto e combate às instituições detentoras de poder, as quais perante as leis e ao conservadorismo são consideradas ilegais. Para isso, “Os Terroristas-Poéticos comportam-se como um trapaceiro totalmente confiante cujo objetivo não é dinheiro, mas transformação” (BEY, 2007, p. 07). Essa transformação em que Bey insiste é a mesma que Tyler propõe e denomina de ações de sacrifícios humanos. Para a realização desses sacrifícios, cada pessoa deveria comprar uma arma. Sob ameaça de morte, os integrantes do clube da luta obrigavam homens, que também tinham suas vontades sufocadas pela fraqueza, a entender que são muito mais que a imagem da mediocridade a que são levadas a aceitar passivamente, como se não houvesse outras possibilidades para suas vidas. Demonstrando isso, em uma passagem do romance, o narrador-personagem enfatiza que: “[...] prefiro matá-lo a vê-lo trabalhando em um emprego de merda ganhando dinheiro suficiente apenas para comprar queijo e ver televisão” (PALAHNIUK, 2012, p. 193).

Os sacrifícios humanos explanados acima são apenas uma das tarefas de casa do Projeto Desordem e Destruição, segunda etapa do clube da luta. Essa operação criada por Tyler diferencia-se de outros sacrifícios humanos porque objetiva o caos. No caos promovido por esse projeto, a vida não tem sentido porque quem cria sentido é a ordem, portanto a ordem não é um valor positivo para o clube da luta – a ordem imposta aos sujeitos, através das normas sociais, dos desejos de sucesso no mercado ou das idealizações metafísicas, torna a vida de cada indivíduo em apenas mais um tijolo do muro da estabilidade. É nesse momento que os integrantes desse projeto começam a se organizar em grupos para fazer ataques públicos. Explicando a criação da segunda fase do clube da luta, o narrador-personagem argumenta que, quando Tyler inventou o Projeto Desordem e Destruição, ele tinha por meta “[...] ensinar cada homem no projeto

que ele tinha poder para controlar a história. Nós, cada um de nós, pode controlar o mundo” (PALAHNIUK, 2012, p. 152), não importando se isso fosse ou não ferir outras pessoas. Esse Projeto Desordem e Destruição dividia suas ações em comissões, a saber: Comissão de Desordem, Comissão de Incêndios, Comissão de Ataque e Comissão de Desinformação. Destarte, toda noite da semana uma comissão diferente se reúne para planejar os ataques públicos, criar e dividir as “tarefas de casa” a serem executadas por todos.

Além disso, provocar uma luta e perdê-la em público era outra tarefa de casa a ser cumprida. Essa tinha o intuito de fazer os vencedores da luta adquirirem coragem, confiança no poder que têm, enfim, sentirem as mesmas sensações que os participantes do clube da luta sentiam. Outros dois ataques em público promovidos por esse projeto foram a invasão ao Hein Tower e o atentado ao secretário especial de reciclagem. No primeiro, alguém do projeto invadiu os escritórios, entre o décimo e o décimo quinto andar da Hein Tower e pintaram, do lado de fora do prédio, uma máscara sorridente de cinco andares e depois ateou fogo nas janelas que ficavam no meio dos olhos que queimaram “enormes, vivos e inevitáveis” (PALAHNIUK, 2012, p. 147). Contudo, essa máscara sorridente tem o intuito de desmascarar as instituições detentoras de poder; seus olhos, impossíveis de evitar, denunciam as alienações e opressões vendidas com o nome de liberdade. A imprevisibilidade desse crime, somado à improbabilidade criativa dessa produção artística, configura-se aqui como um terrorismo poético.

Já no segundo, Tyler atira no secretário especial de reciclagem por esse representar um obstáculo à fabricação de sabão advindo da banha humana encontrada nos depósitos de lixo hospitalar. Para Tyler, não é obrigação dele limpar o planeta que durante milhares de ano “os humanos foderam e sujaram” (PALAHNIUK, 2012, p. 154). Nessa perspectiva, o trabalho do secretário especial de reciclagem é inútil e atrapalharia o plano do projeto de destruição, pois sua profissão é apenas uma maneira institucional de injetar valores dos indivíduos que detêm o poder monetário nas pessoas que não o têm. E mais, são justamente os que possuem o controle financeiro que potencializam a destruição ambiental do planeta com crescimento industrial sem planejamento e sem sustentabilidade, lucros das corporações em detrimento da qualidade de serviços, propagandas incentivando o consumismo desmedido e desnecessário, depois repassando o preço de sua irresponsabilidade ao restante da população. A destruição do Projeto Desordem e Destruição, por fim, expõe a destruição sistemática das corporações mascaradas de construção e desenvolvimento – expõe a hipocrisia empresarial que financia o bem-estar do mercado.

A emoção provocada nas pessoas que assistem ao prédio amanhecer com o desenho de uma máscara sorrindo com os olhos pegando fogo ou ao ataque ao secretário especial de reciclagem aproxima-se do terror, da repugnância, sendo difícil, à primeira vista, entendê-los com um tipo de arte, já que o terrorismo poético é afim da ilegalidade, do crime e distante das concepções mercadológicas de arte. Todavia, esses foram atos conscientes que permitem direcionar a atenção das pessoas ao caos, fazer com que algo que é, perante as leis e a moral, considerado uma infração passe a ter como finalidade impressionar, impactar, causar estranheza. Com isso, no Projeto Desordem e Destruição, o crime é arte;

provocar a desordem e a destruição é sinônimo de modificação promovida pelo caos entrando pelas fissuras do discurso fomentador da ordem.

É o Projeto Desordem e Destruição que salvará o mundo. Uma era do gelo cultural. Uma idade das trevas induzida prematuramente. O Projeto Desordem e Destruição forçará a humanidade a ficar em hibernação ou em remissão por tempo suficiente para que a Terra se recupere (PALAHNIUK, 2012, p. 155).

Dessa maneira, novamente, o que está em questão é uma mudança mútua através do choque estético provocado pela estranheza do crime. Sendo assim, o clube da luta e Tyler não são um fim em si mesmos. Eles pretendem promover o caos para, a partir desse, buscar o aumento de sua potência, utilizando todos os meios que forem possíveis para tal – até a morte, quando necessário. Se essa mudança não se der pela coletividade, para Bey (2007), o Terrorismo Poético falhou.

O clube da luta, como os enclaves piratas que Bey (2001) também descreve, é um lugar de elogio à liberdade. Bey (2001) argumenta, igualmente, que esses enclaves ocuparam espaços vazios do mapa, ou seja, não estavam às vistas da cartografia do controle, do Estado, que inibe e reprime a liberdade. Assim, desde o primeiro clube da luta (sem regras, para recreação – com apenas o narrador-personagem e seu alterego) até os clubes da luta e seu desdobramento com mais participantes no Projeto Desordem e Destruição (segunda fase do clube da luta, com regras, todos os fins de semana), esses grupos autônomos, invisivelmente, agem pela liberdade.

Tal como ocorre na TAZ, os confrontos indiretos ao Estado e às estruturas ideológicas da hegemonia econômica fazem parte do Projeto Desordem e Destruição. Os participantes do projeto, igualmente como na TAZ, não almejam institucionalizar o seu poder. A institucionalização da política, segundo Bey (2001), cerceia a autonomia do indivíduo e faz o círculo vicioso da economia do consumismo desenfreado girar sob tal interferência política, alienando pessoas com uma ideia de felicidade que as obriga a encherem as casas de coisas que nunca precisarão.

Nessa perspectiva, comentando a narrativa de Palahniuk como uma crítica alegórica à política econômica contemporânea comandada pelas corporações bancárias, Thiago Martins Prado (2016, p. 504), em *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em “Condenada”, de Chuck Palahniuk*, argumenta que boa parcela da sociedade estadunidense “[...] disfarça um modelo exploratório global sob o elogio mais cínico ao desenvolvimento corporativo atrelado a uma concepção mercadológica de cidadania”. Desse modo, as pessoas, por alienação midiática e pressão do mercado consumista, tornam-se escravas dos bens que têm e dos bens que acham que precisam ter. Com isso, o narrador-personagem comenta que: “As pessoas que conheço que costumavam ir ao banheiro e levar pornografia agora se sentam na privada com um catálogo de móveis da IKEA” (PALAHNIUK, 2012, p. 49). Ou seja, o indivíduo é enredado no

consumismo de tal forma que, em nenhum momento, consegue se desvencilhar dele.

Similarmente às ideias de Prado no que tangem ao controle exercido pelas corporações por meio da alienação midiática, Joel Bakan (2008), em *A corporação: busca patológica por lucro e poder*, visualiza uma patologia por trás dessa busca descontrolada e desenfreada da corporação por lucro e poder, afirmando que:

Hoje em dia, as corporações governam nossas vidas. Determinam o que comemos, a que assistimos, o que vestimos, onde trabalhamos e o que fazemos. Estamos inevitavelmente cercados por sua cultura, por sua iconografia e ideologia (BAKAN, 2008, p. 5).

A partir disso, ao romper com sua vida antiga – antes de Tyler – o narrador-personagem rompe também com a lógica que as corporações buscam incutir nos indivíduos, procurando atacá-la de diversas maneiras.

Acrescentando a essa conjuntura da corporação apresentada por Bakan, Prado (2016) ressalta ainda que: “Nesse sistema de consumo, as pessoas precisam ser consideradas veículos para a produção de mais capital em que o desejo humano reduz-se ao sinônimo da sua demanda como comprador” (PRADO, 2016, p. 510). Ou melhor, é sabotando essa lógica capitalista, mais uma vez, que Tyler, para fazer sabão, utiliza banha – sugada das coxas mais ricas e gordas do mundo – encontrada nos depósitos de lixo hospitalar. Sobre isso, o narrador-personagem explana:

Nossa meta são os grandes sacos vermelhos de banha lipoaspirada que levaremos de volta para a Paper street e ferveremos e misturaremos com soda cáustica e alecrim e revenderemos para as mesmas pessoas que pagam para sugá-las do corpo. A vinte pratas cada barra, são as únicas pessoas que têm dinheiro para comprar (PALAHNIUK, 2012, p. 187-188).

Dessa maneira, Tyler se insere na lógica capitalista para sabotá-la: vender caro um produto para higiene pessoal o qual foi feito com banha que as pessoas pagaram para retirar de seus corpos em prol da ditadura da beleza, da limpeza necessária para o corpo “ideal”. Justificando isso, Tyler argumenta que o primeiro sabão foi fruto das banhas advindas dos sacrifícios humanos nos morros, acima dos rios. Assim, essas mortes nesses sacrifícios não foram em vão, pois possibilitaram a descoberta desse higienizador. Com essa sabotagem, Tyler acaba se utilizando do sabão como metáfora para uma limpeza da humanidade – lavando dessa as hipocrisias e cinismos das ideologias capitalistas, corporativas e moralistas que insistem em perpetuar, funcionando da mesma forma que os sacrifícios humanos para os lavadores de roupa dos rios abaixo dos morros por onde a banha escorria. Além disso, segundo o alterego, “Com muitos sabonetes [...]”

você poderia explodir o mundo todo” (PALAHNIUK, 2012, p. 88). Ou seja, a glicerina do sabonete poderia ser utilizada também em seus atos nos ataques do Projeto Desordem e Destruição, promovendo a limpeza por intermédio da destruição.

Visualizando como o modelo econômico corporativo americano funciona, Prado (2015), no texto *As narrativas sobre a crise econômica mundial e a Madlântida de Palahniuk*, afirma que as críticas a esse modelo consumista é constante nas obras desse autor. No romance *Maldita* (2014), continuação de *Condenada* (2013), que narra a vida pós-morte de Madison Spencer, por exemplo, segundo Prado (2015), essas críticas corrosivas aparecem por meio de duas alegorias: a primeira é a Madlântida, uma ilha de lixo, “[...] símbolo maior do consumo e do desperdício no romance” (PRADO, 2015, p. 392); a segunda é o rudismo, “[...] uma nova religião comandada pelos pais multimilionários de Madison por meio de uma campanha publicitária massiva” (PRADO, 2015, p. 393). Com isso, tanto com o apocalipse resultante do choque da Madlântida com a costa da América do Norte quanto a ida ao inferno dos adeptos do rudismo – oposta ao que se declarava, ida facilitada ao céu – Palahniuk contesta a política econômica estadunidense<sup>2</sup>.

Em *Clube da luta* não é diferente, as críticas ao mercado corporativo e suas manipulações estão presentes. Em uma passagem do romance, o narrador-personagem e Tyler estão dentro de um Impala 1968, em uma loja de carros usados. Ao observar o carro e o seu preço, o narrador-personagem compara o Impala aos Estados Unidos: “Veja os Estados Unidos por dentro. O preço é noventa e oito dólares, mas do lado de dentro ele parece custar oitenta e nove centavos. Zero, zero, vírgula, oito, nove. A América pede para você ligar” (PALAHNIUK, 2012, p. 107). Por meio da mesma lógica contestatória ao mercado é mostrado Walter, consultor da Microsoft, que aparece nos capítulos VI e X do romance. No capítulo VI, Walter é apresentado como a imagem ideal de felicidade individual vendida pelo consumismo:

Os meus olhos encontram os de Walter, da Microsoft. Aqui está um exemplo de um jovem com dentes perfeitos, pele bem-cuidada e o tipo de trabalho que você faz questão de escrever sobre como conseguiu na revista de ex-alunos da universidade [...] e aqui está ele olhando para meu rosto, metade bem barbeado e a outra metade com um ferimento inchado escondido nas sombras. Sangue brilhando em meus lábios. E talvez Walter esteja pensando em algum restaurante vegetariano livre de crueldade animal a que tenha ido no fim de semana, na camada de ozônio ou no quanto a Terra precisa desesperadamente parar com os testes em animais, mas provavelmente não é nisso que está pensando (PALAHNIUK, 2012, p. 65).

Dessa maneira, Walter é caracterizado como a materialização dos anseios das sociedades hipermodernas – em que a venda de produtos e padrões é colocada como objetivo primordial – exposto aqui anteriormente com os estudos de



Lipovetsky. Walter tem o emprego ideal, a aparência impecável e é defensor de posicionamentos “politicamente corretos”; o narrador-personagem é o oposto disso tudo: seu emprego não é o sonho de consumo da elite, os ferimentos conquistados nas lutas são abominados pelos padrões de beleza e, fugindo de todas as convenções, ele acredita ainda que a renovação virá apenas por meio do caos, da destruição.

Contudo, no capítulo X, o qual narra a primeira sabotagem a festas por Tyler Durden (ação ocorrida antes do evento do capítulo VI), Walter, o anfitrião, é descrito de maneira muito diferente. Em seu ato como garçom terrorista da indústria de serviços, Tyler escreve um bilhete para a mulher de Walter no qual diz, mentindo, ter colocado urina em pelo menos um de seus muitos perfumes elegantes. A justificativa do alterego no narrador-personagem é que, para fazer aqueles perfumes luxuosos, eles matavam baleias: “A maioria das pessoas nunca viu uma baleia [...] e a madama anfitriã tem mais dinheiro em garrafas de perfumes do que todos nós ganhamos em um ano de trabalho” (PALAHNIUK, 2012, p. 100). Essa análise de Tyler desmonta todas as atitudes “politicamente corretas” das quais Walter aparentava comungar e expõe as hipocrisias da sociedade de consumo.

Tal dissimulação é presente também nos pais multimilionários de Madison, em *Condenada* (2013). Ao mesmo tempo, por exemplo, em que defende a preservação do meio-ambiente, a mãe de Madison compra um bilhão de envelopes dourados para ensaiar a entrega do Oscar de melhor filme, a qual irá entregar o troféu.

Ademais, do mesmo modo que a TAZ do *Clube da luta* confronta a hegemonia econômica, como explanado acima, ela é também uma forma de alerta sobre a anestesia da massa, sobre a sua debilidade e sua falta de poder social. Refletindo sobre isso, Jean Baudrillard (1985), na obra *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*, argumenta que as massas, característica da modernidade, não são boas condutoras do político, nem do social, pois tudo nelas se dilui sem deixar vestígios. Esclarecendo isso, Baudrillard comenta que:

Na representação imaginária, as massas flutuam em algum ponto entre a passividade e a espontaneidade selvagem [...] elas não tem energias virtuais para liberar, nem desejo a realizar: sua força é atual, toda ela está aqui, e é a do seu silêncio. Força de absorção e de neutralização, desde já superior a todas as que se exercem sobre elas (BAUDRILLARD, 1985, p. 10).

A anestesia e a passividade que se alastra na massa são postas em questão principalmente pelo trato que Tyler dá à informação. Tyler despreza a mídia e a informação por não acreditar que essas tenham capacidade de mobilizar a massa. Baudrillard (1985) também concorda com esse pensamento ao defender que é a própria informação que produz mais massa, pois neutraliza ainda mais o campo social.

É reconhecendo a mídia e a informação como produtoras de mais massa e, igualmente, desprezando a possibilidade de mobilização dessas que Tyler opta pela desinformação. O clube da luta cria, no Projeto Desordem e Destruição, a Comissão de Desinformação e a Comissão de Desordem, que disseminam notícias e apelos que buscam desestruturar a recorrência viciada da informação habitada nas massas: Com propostas como “Queime o Louvre”, (PALAHNIUK, 2012, p. 176) ou “[...] limpe a bunda com a Mona Lisa” (PALAHNIUK, 2012, p. 176) como tentativas de “[...] destruir cada pedaço da história” (PALAHNIUK, 2012, p. 11) e de chamar a atenção de Deus: “Quanto mais longe correr, mais Deus vai o querer de volta” (PALAHNIUK, 2012, p. 176). Nesse caso, é possível ler-se Deus aqui também como a presença do Estado e todo o seu aparato controlador e moralizador intrinsecamente ligado ao consumismo desenfreado, que retira a autonomia dessas pessoas. Além disso, os participantes do Projeto Desordem e Destruição utilizam frases de parchoque nas quais imprimem (des)informações, como “Dirijo Melhor Quando Estou Bêbado” (PALAHNIUK, 2012, p. 180) ou “Recicle Todos os Animais” (PALAHNIUK, 2012, p. 180), buscando promover o caos no trânsito por onde passam.

Nessa promoção da desinformação, Tyler encaixa-se em um cenário pós-utópico, em que a esperança da informação como possibilidade das massas deixarem de ser silenciosas dá lugar ao caos, à negação dessa crença no poder da informação e à crítica à informação como força anestesiadora de forças sociais.

### Considerações finais

Assim, na tentativa de responder a indagação sobre como acontece a superação da moral padrão pela personagem Tyler Durden, chega-se à conclusão que esse alterego ultrapassa-a por meio de um questionamento nietzschiano da moral e da criação ou da revisão desses valores de maneira coletiva através de uma transvaloração à maneira de Hakim Bey. Essa transvaloração ocorre por meio de estratégias libertárias de combate que confrontam indiretamente o Estado, o mercado e as relações hierárquicas que atravessam esses.

Desse modo, quando Tyler explode o apartamento do narrador-personagem, ele está questionando e “detonando” também as ideologias do consumismo desenfreado que estavam impregnadas nesse, além de demonstrar o quão frágil e superficial é a “estabilidade” pautada no consumismo. Já o orgulho das cicatrizes revisa o apreço à “perfeição” corporal, ao culto à ditadura da beleza, que é quase inalcançável, mas é colocada como protótipo pelo sistema de ideias mercadológicas. Da mesma forma, quando cria as regras do clube da luta, Tyler está criando novos valores, transvalorando e aumentando a sua potência e a do grupo, pois o alterego compreende que somente juntos o sentimento de vingança que todos têm contra as estruturas de poder verticalizado é fortalecido.

A recusa à liderança do clube da luta por Tyler também é algo bem característico da TAZ - sendo essas experiências comunitárias descentralizadas -, pois vai contra os modelos de revolução que, quando dão certo, se tornam um novo

parâmetro para a exploração, não passando de um ciclo vicioso. Aqui, juntamente com a descentralização, a invisibilidade atua como uma tática de guerra que mantém essas zonas autônomas distantes do reconhecimento e das relações de definição do Estado, ou seja, desaparecem, retiram-se das áreas de simulação, como propõe Bey (2001).

Sendo assim, a criação do clube da luta, a maior estratégia libertária de Tyler, vai contra todas as hierarquias de mando, pois é um novo modelo de sociedade autônoma e alternativa, procurando livrar-se da opressão do Estado e do mercado capitalista que inibe a liberdade igualando-a aos bens de consumo, como argumenta Prado (2016). Em resposta a essas imposições, o clube da luta sabotagem a indústria de serviços empregando os próprios meios que ela utiliza para existir. Como exemplos, podem ser citados: o sabonete é feito da gordura humana de pessoas de alta renda sem que os consumidores desse produto (as mesmas pessoas ricas) saibam disso; infiltrados como garçons nas festas ou nos restaurantes de frequência de pessoas ricas, os participantes do clube da luta flatulam na comida ou mudam a posição dos alimentos no prato para esses se passarem por novos; emendas de cenas pornográficas são realizadas nos cinemas durante a exibição de filmes infantis, etc.

Esse cenário pós-utópico em que Tyler está imerso é permeado pelo caos e pela descrença na informação como possibilidade de mobilização das massas, como Baudrillard (1985) já apontava. A sabotagem do alterego do narrador-personagem vai além de só recusar a moral imperativa e, em contrapartida, aliar-se ao mercado, como é o caso da moral estudada por Lipovetsky (2005), ela questiona, revisa e cria novos valores – desvencilhando-se da moral consagrada e da lógica capitalista.

Com isso, o bem e o mal, o certo e o errado, em Tyler, não ocupam os lugares que lhes foram destinados pela moral dos bons costumes, ao contrário, ele rompe com essa dicotomia platônica por meio da transvaloração nietzschiana. A violência, a automutilação, o crime, o terrorismo aqui são poéticos, tal como Bey (2007) apresentou.

## Notas

1 Conforme Alphonso Lingis (2003, p.12), a vontade de potência em Nietzsche: “Não é uma essência; também não é estrutura, telos ou significado, mas supressão de todo telos, transgressão de todos os fins, produção de todos os significados, interpretações, valorações - concordantes e contraditórios. É o caos, o fundo primal do in-fornado - não a matéria, mas a força por detrás do cosmo, a força que precede todas as formas e as toma tanto possíveis quanto transitórias [...] A vontade de potência é um abismo (Abgrund), o caos sem fundo por detrás de todos os fundos, de todas as fundações, deixando sem fundo toda a ordem das essências”.

2 Conforme Prado (2015), as duas alegorias que surgem no romance Maldita, a Madlântida e o rudismo, são complementares para explicar as práticas econômicas imperantes nos cidadãos estadunidenses. A alegoria da Madlântida representa a prática exacerbada do consumo e do

desperdício como modelo estadunidense a se expandir pelo resto do mundo. A Madlântida é uma grande ilha de plástico, fraldas, caixas de suco e outros resíduos despejados e reunidos como lixo escoado no redemoinho do Pacífico Norte. Do mesmo modo, Palahniuk apresenta o rudismo e as consequências de tal convicção religiosa como uma alegoria da atmosfera consumista estadunidense. O rudismo e o consumismo são agigantados em meio a imagens de salvação (um do espírito, outro da economia), mas que resultam em danos (um na perdição no Inferno, outro no colapso econômico e no aprisionamento na dívida); o rudismo e o consumismo são favorecidos pela sedução da propaganda; o rudismo e o consumismo são marcados por previsões a prometer satisfação e felicidade que não se realizam; o rudismo e o consumismo buscam abarcar todos os tipos sociais e culturais.

---

## Referências

---

- BAKAN, Joel. *A corporação: busca patológica por lucro e poder*. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BEY, Hakim. *TAZ: zona autônoma temporária*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Caos; terrorismo poético e outros crimes exemplares*. 2007. Disponível em: <<http://catarse.co.nr/hakimbey/>>. Acesso em: 30 out. 2016.
- JUNGES, Márcia Rosane. A transvaloração dos valores, em Nietzsche, e a profanação, em Agamben. *Cadernos de Ética e Política*, n.28, v.1, p.97-108, 2016.
- LINGIS, Alphonsos. A vontade de potência. *Educação e Realidade*, n.28, v.1, p.11-20, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. São Paulo: Escala, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Escala, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- PALAHNIUK, Chuck. *Clube da luta*. São Paulo: LeYa, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Condenada*. São Paulo: LeYa, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Maldita*. São Paulo: LeYa, 2014.
- PRADO, Thiago Martins. As narrativas sobre a crise econômica mundial e a Madlântida de Palahniuk. In: CORREIA, Heloísa Helena Siqueira; DUARTE, Osvaldo Copertino; SOUZA, Valdir Aparecido. (Org.). *Isto não é um manguari*. Porto Velho: Poiesis Editora, 2015, p. 393-398.
- \_\_\_\_\_. Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada, de Chuck Palahniuk. *Remate de males*, v. 36, p. 503-521, 2016.

---

## Para citar este artigo

---

OLIVEIRA, Diane do Nascimento; PRADO, Thiago Martins. *Clube da luta: transvaloração e poetização do crime pela personagem Tyler Durden*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 6, n. 3, p. 255-272, set.-dez. 2017.

**Diane Nascimento de Oliveira** é graduanda em Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia, Campus XXIII, Seabra.

**Thiago Martins Prado** é Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia, doutor em Letras pela UFBA (2011), possui mestrado em Letras pela UFBA (2005) e graduou-se em Letras Vernáculas (licenciatura e bacharelado) pela mesma universidade (2002).